

Opinião

A Agressividade Aspectos Sociológicos e Culturais na Expansão do Fenómeno

A agressividade é uma forma de comportamento, que perturba de modo significativo as normas social e culturalmente aceites. Associada à violência, que constitui a sua manifestação, a agressividade é um mecanismo que perfura o tecido social.

No século XIX, tradicionalmente a agressividade foi interpretada em termos de disfunção biológica ou genética, enquanto no século XX em termos de desvio. Esta abordagem, porém, assumia que a escala da agressividade era relativamente constante, ainda que a teoria de Durkheim sugerisse que o desvio antecederse sequencialmente graves crises ou perturbações da ordem sociopolítica. Contudo, esta interpretação impossibilita a abordagem da expansão da agressividade como uma forma de cultura, o entendimento da sua proliferação transcultural ou do fenómeno da saturação da vida social com formas de agressividade. Tanto no sentimento geral como nas descrições mais sistematizadas das sociedades



POR
**Bronisław
Misztal**

Embaixador da Polónia
em Portugal

contemporâneas, a hipótese da partilha da agressividade (*sharing aggression*) prevalece nitidamente sobre a hipótese da agressividade como um pequeno efeito colateral do desvio.

Assim e em primeiro lugar, as sociedades contemporâneas “produzem” uma maior quantidade de comportamentos agressivos individuais. Quer isto dizer que, no repertório das ações do indivíduo, o emprego da agressividade ou o recurso a comportamentos

agressivos surgem com maior frequência. Desta feita, a agressividade torna-se um modelo cultural mais comum e, na vida social, é cada vez mais difícil para o indivíduo encontrar-se numa zona suficientemente confortável e que assegure o isolamento face aos comportamentos agressivos dos outros.

Em segundo lugar, a constante aceleração do ritmo de vida social faz com que a agressividade se torne uma forma de reação não tanto a ameaças como ao fluxo de acontecimentos novos, muitas vezes não compreendidos.

Em terceiro lugar, a agressividade exerce uma função alucinogénica, isto é, no espaço dos simbolismos culturais, fornece às pessoas, que aparentemente têm uma postura pacífica perante a vida, a intensificação das vivências ou, então, cria a situação do cliente que regressa. Os filmes e os jogos, chamados “action movies”, repletos de agressi-



66

Tanto no sentimento geral como nas descrições mais sistematizadas das sociedades contemporâneas, a hipótese da partilha da agressividade prevalece nitidamente sobre a hipótese da agressividade como um pequeno efeito colateral do desvio

vidade verbal, amiúde de vocabulário ordinário e de agressividade física, constituem um exemplo do modo como as sociedades estão culturalmente dependentes da agressividade das imagens. Parafraseando Castoriadis, designaria estas vivências e comportamentos como agressividade imaginária (*imaginary aggression*).

Em quarto lugar, a agressividade é objeto de difusão cultural do mesmo modo que a cultura culinária, chinesa ou mexicana, se difundiu de uma maneira geral. Os meios de comunicação social estão ao seu serviço, sobretudo, o aparecimento do fenómeno a que Sartori chamou *homo videns*. A cultura da violência regional, por exemplo, asiática ou norte-americana, propaga-se e torna-se uma representação icónica provida de grande capacidade de convicção.

Em quinto lugar, os crescentes conflitos étnicos, alimentados de inveteradas animosidades, que surgem superficialmente nas relações entre grupos vizinhos, designados *ethnic cleansing*, favorecem a agressividade e a subsequente violência como forma de mobilização social e política. Em algumas regiões do mundo, a hostilidade perante o outro, perante um vizinho ou um coabitante (*cohabitant*), ciclicamente manifesta, é uma forma de legitimação de grupos políticos extremistas. Os Balcãs, a África ou as regiões do Extremo Oriente e a Polinésia são frequentemente palco deste tipo de explosões.

Em sexto lugar, as migrações resultantes de uma maior abertura de alguns sistemas políticos continentais, que facilitam o movimento de pessoas e a obtenção de autorização de residência,

provocam um aumento da agressividade em relação aos recém-chegados.

Em sétimo lugar, as desigualdades económicas, mais precisamente, a pobreza e a riqueza causam o aumento da agressividade mútua entre os grupos sociais que ocupam posições extremas na cadeia da qualidade de vida e de riqueza.

E oitavo lugar, o ritmo desigual do desenvolvimento da cultura cívica e da expansão, sobretudo no ocidente, da franquia dos direitos do homem em confronto com os enclaves da tradição que, isolados e vastos, se defendem com força, bem como um entendimento limitado dos direitos do homem, gera uma forte agressividade como comportamento defensivo. O terrorismo contemporâneo, em particular, é uma forma de universalização da agressividade enquanto mecanismo de defesa indiscriminada contra a modernidade.

Em nono lugar, a agressividade torna-se uma forma de atuação dos países e dos governos (*etatistic aggression*), sobretudo no caso das translações, não sujeitas a fatores culturais e políticos, de experiências históricas. Este tipo de agressividade

conduz às guerras ou a intervenções armadas, à ingerência ou à invasão de territórios estrangeiros, à qual amiúde também se chama agressões em resultado da simplificação da linguagem.

Em décimo lugar, a agressividade é um meio de manifestar as reivindicações de autonomização ou segregação de comunidades etnicamente menores, as quais em consequência de processos macropolíticos foram outrora incorporadas em unidades administrativas artificialmente criadas.

Em décimo primeiro lugar, nas sociedades e culturas, em que existem fortes bloqueios à participação social, que criam eficazes barreiras entre as gerações sob a forma, por exemplo, de uma juventude prolongada ou de uma imaturidade forçada, a expansão da agressividade dirigida contra uma faixa etária (principalmente a agressividade dos jovens em relação aos idosos), torna-se uma forma de protesto contra tais práticas de reclusão.

Em décimo segundo lugar, a intensificação e o reforço de formas de identidade de género (*gender identity*) conduzem ao agravamento dos antagonismos entre homens e mulheres, por vezes, apenas na sua forma verbal, outras vezes, na sua forma política, bem como ao aparecimento da agressividade como forma resultante de experiências com tal identidade.

Em décimo terceiro lugar, o aumento da tolerância para com outras formas de preferências sexuais e a sua maior visibilidade social conduzem ao fenómeno da agressividade relativamente a grupos minoritários que não pretendem ocultar a sua diferença.

A agressividade tanto na sua encarnação individual como coletiva devasta o tecido social. As estruturas da sociedade são sustentadas por transações conversíveis entre indivíduos e grupos sociais, as quais permitem de modo relativamente previsível ajustar o comportamento às expectativas, moldar os investimentos no âmbito das relações sociais com base em modelos culturais estabilizados e contribuem, ainda que não o façam de um modo simples, para a criação de confiança e para reforço dos laços sociais.

A título de exemplo, a escola, na qualidade de instituição estabilizada da sociedade cívica e de acordo com a expectativa geral, acolhe jovens alunos e

estudantes, configura-lhes o seu conhecimento acerca do mundo, adaptando-os para a vida no âmbito de estruturas já formadas. Os casos, em que se registam tiroteios nas escolas (tal como frequentemente acontece nas escolas secundárias americanas), em que se difundem drogas (tal como acontece em muitas escolas de países europeus) ou em que a escola se transforma em palco de abusos sexuais (violência contra os mais fracos), afetam a confiança, limitam a previsibilidade dos comportamentos sociais, introduzem a incerteza, o medo e, frequentemente, também reações de evitamento e de recuo. De igual modo, o casal ou a união de facto de dois parceiros, sendo a célula social básica e o lugar onde se estabelecem as capacidades de socialização do indivíduo, configuram a nossa capacidade para funcionarmos no quotidiano. A agressividade no seio da família, sob a forma de violência verbal ou física, afeta a nossa ideia básica do que é a segurança e o conforto psíquico, transformando a vida num palco de lutas intermináveis. O trabalho ou, mais pre-

cisamente, o local de trabalho é o sítio onde o nosso capital social se converte em capital financeiro, mas a agressividade entre colegas de trabalho, resultante nem que seja da empresarialização cada vez mais generalizada das formas de trabalho, enfraquece, no fundo, a motivação porquanto torna o trabalho uma obrigação insuportável, emprestando à alienação uma nova dimensão. O estado, entendido como meta-estrutura organizacional, que visa assegurar o enquadramento jurídico básico e a harmonia das trocas económicas, é uma instituição macropolítica que deveria permitir aos sectores significativos da sociedade a canalização dos seus interesses e necessidades. Porém, a agressividade de um estado contra os seus cidadãos, a violência, a coerção e a repressão do direito fazem com que esse estado se torne uma entidade artificial, daí que o homem se esforce por escapar à esfera pública. Não existem, pois, quaisquer dúvidas de que, do ponto de vista do indivíduo e da coletividade, a saturação da vida social com agressividade é disfuncional. Enfraque-

Serão as sociedades capazes e quererão continuar a desenvolver-se fazendo-se acompanhar de um aumento no âmbito das liberdades e de uma diminuição no âmbito das obrigações, ou procurarão antes maneiras de canalizar ou mesmo reprimir a agressividade



ce a coesão da sociedade (*social glue*), fragmenta a cultura e esfrangalha a personalidade. Por conseguinte, a pergunta acerca das razões pelas quais a expansão da agressividade ocorre e os mecanismos de tal difusão assumem um significado fundamental.

Supostamente na base da agressividade, tanto na dimensão individual como coletiva, reside a impotência, a incapacidade de reação a situações sociais, em conformidade com as normas culturais existentes.

Quando, num troço de velocidade controlada numa via rápida de Varsóvia, sou ultrapassado por um carro que excede duplamente a velocidade permitida e, seguidamente, o seu condutor estende a mão e, com um conhecido gesto, me mostra o dedo do meio, trata-se de uma manifestação de agressividade que significa: «Não respeito os limites de velocidade, a segurança dos outros condutores não me interessa e acho que as estradas não são para quem respeita o código». Trata-se de uma forma de comportamento, em primeiro lugar, agressiva, em segundo, perigosa e, em terceiro, verdadeiramente depreciativa da dignidade do próximo. A circulação rodoviária gera amiúde agressividade, mesmo quando esta não está associada à gesticulação como forma de comunicação. Quando conduzimos de janela fechada e vociferamos contra alguém que tenta atravessar a rua na passeadeira ou aceleramos para dificultar a ultrapassagem a quem nos quer ultrapassar, estamos a praticar atos de agressividade direta. De modo semelhante, a utilização de uma linguagem ordinária no quotidiano, tão generalizada entre os jovens e, inclusivamente, entre as mulheres, é uma forma de ocultação de uma agressividade não consumada e é, frequentemente, expressão de impotência ou tentativa de violência verbal em relação aos outros. A agressividade verbal assume amiúde uma forma de falar num tom de voz elevado, enquanto o próprio grito é uma forma comportamental que visa efetuar de imediato uma perfuração no tecido social.

O político que aparece no aeroporto de Gdansk e insulta a já atemorizada funcionária de umas linhas aéreas, que acabaram de falir, rompe o tecido da solidariedade social já que, no fundo, tanto ele como a funcionária, nos bastidores,



Do ponto de vista do indivíduo e da coletividade, a saturação da vida social com agressividade é disfuncional. Enfraquece a coesão da sociedade, fragmenta a cultura e esfrangalha a personalidade

são ambos igualmente vítimas. De facto, a agressividade é amiúde resultado de uma impunidade real ou percecionada como subjetiva e, por isso, ocorre com maior frequência nas sociedades onde se verifica uma infraestrutura jurídica fragmentária ou inexistente. Num conjunto de sociedades pós-autoritárias registam-se não só o aumento da criminalidade, como também violência doméstica e parental, violência exercida por instituições de defesa da ordem jurídica (por exemplo, a polícia), ou ainda o aumento da agressividade no discurso público e a generalização de debates que incluem conteúdos e instrumentos de agressividade, intolerância e perseguição dos adversários. A falta de regulamentação dos princípios orientadores da troca de opiniões na Internet faz com que venham à superfície as formas mais vis de agressividade, repressão e intimidação. A agressividade discursiva é assim uma forma completamente nova de reação à complexidade do mundo circundante. A agressividade também é um modo mais fácil de exibir a personalidade na vida quotidiana (para parafrasear Erving Goffman) do que um comportamento conforme os modelos da cultura instituídos. A agressividade talvez seja, embora ainda não o tenha

sido comprovado empiricamente, um sinal do analfabetismo cívico ou até de uma forma de analfabetismo normativo. Se bem que seja verdade que o conflito é amiúde um instrumento construtivo da mudança social, a agressividade torna o conflito um mecanismo difuso e desnecessariamente continuado, que causa descontinuidade na vida social.

Não tenho dúvida de que a agressividade ou, antes, a disposição behaviorista para manifestar comportamentos agressivos é resultado de processos ineficazes e inadequados de socialização, é efeito da incapacidade para encontrar o meio-termo entre a falta de regulamentação e o excesso de regulamentação normativa e é ainda produto colateral da aceleração do desenvolvimento tecnológico, de um excessivo aumento do risco operacional e da falta de transparência nas estruturas sociais.

Assumindo ainda que os processos de comunicação social são processos de translação em resultado dos quais as pessoas explicam a si próprias códigos culturais, a agressividade discursiva também é expressão de pobreza conceitual e do carácter pictórico do pensamento. Quer para o historiador e antropólogo quer para o político a questão fundamental é a de saber se a tendência atual, que consiste em saturar de agressividade a vida social, a cultura quotidiana, a política e inclusivamente as relações íntimas, tem um carácter contínuo e ascendente ou se constitui um “dividendo” passageiro, inesperado e indesejado do desenvolvimento. A pergunta que se segue lança a questão de saber se as sociedades serão capazes e quererão continuar a desenvolver-se fazendo-se acompanhar de um aumento no âmbito das liberdades e de uma diminuição no âmbito das obrigações, entre elas, as obrigações morais e a decência, ou se procurarão antes, por via do aumento da repressão e de restrições à liberdade, maneiras de canalizar ou mesmo reprimir a agressividade.

A herança moral do Holocausto, o peso das purgas étnicas e das guerras separatistas nos territórios dos antigos impérios coloniais ou ainda a conjugação ineficaz de assertividade nas relações sociais com agressividade discursiva são fenómenos que pesam nas formas do desenvolvimento social e no cariz das nossas sociedades do século XXI. ■